

Flores e abelhas, um casamento indissolúvel

Atividades consideradas prioritárias pela Secretaria de Agricultura, a floricultura e a apicultura são dois segmentos com enorme potencial para crescer no Distrito Federal. Por isso, foram incluídos no Plano de Desenvolvimento Rural do Distrito Federal (Pró-Rural/Ride).

"As flores gostam de dias longos, onde têm mais tempo de luz natural, baixa umidade, altitudes acima de 800 metros e temperaturas noturnas amenas", explica a coordenadora de floricultura do Pró-Rural/Ride, Débora Cruz, lembrando que tais condições são "naturais" no DF.

Flores e abelhas formam, na verdade, um casamento indissolúvel. As abelhas são indispensáveis no trabalho de polinização, principalmente durante a estação da seca, período de floração de grande parte das plantas do cerrado. Por outro lado, a região é bastante propícia ao desenvolvimento da apicultura: as árvores têm boa floração e perto delas a água é geralmente límpida, contribuindo para a boa qualidade do mel que será vendido ao consumidor final.

Daí por que quem decide explorar qualquer uma dessas duas atividades dificilmente se arrepende. É o caso de Antônio Expedito, que deixou a lavoura para plantar, a princípio, ervas aromáticas e hoje mantém 34 estufas de flores e ervas, espalhadas numa área de mais de 4 mil m².

A produção é vendida na Central Flores, espaço de 2,3 mil m² que funciona na Central de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa). Criada em 2001 e destinada à venda de flores e plantas, a central tem 40 produtores, distribuídos em 80 boxes. Vendem-se ali desde bromélias até ervas medicinais.

Antônio Expedito ocupa orgulhoso o box 17, onde o interessado pode encontrar 26 variedades de ervas aromáticas, além de flores como gérbera, primula e amor-perfeito. As mercadorias são renovadas três vezes por semana. "Vendo toda a minha produção", garante ele.

Antônio Expedito ocupa orgulhoso o box 17, onde o interessado pode encontrar 26 variedades de ervas aromáticas, além de flores como gérbera, primula e amor-perfeito. As mercadorias são renovadas três vezes por semana. "Vendo toda a minha produção", garante ele.

PARA PROFISSIONAIS

Mas a técnica Débora Cruz alerta: quem quiser entrar no ramo deve primeiro buscar informações sobre o cultivo de plantas e flores. "Floricultura não é hobby, é um negócio para profissional", afirma.

Ela explica que o produtor deve, inicialmente, conhecer o mercado: manter contato com atacadistas, concorrentes, floriculturas, viveiros, informar-se sobre a logística de transporte... e, um ponto muito importante, procurar fugir dos modismos. Eles passam tão rápido quanto chegam,



Na foto abaixo, apicultores exibem os favos de mel logo após a coleta. Por sua função na polinização das plantas, as abelhas são "operárias" naturais no desenvolvimento da floricultura, área na qual o DF tem grande potencial para crescer



podendo levar à ruína os menos precavidos. Um exemplo é a palma-de-santa-rita, antigamente bastante usada na época de Finados. Hoje, está esquecida, substituída que foi pelo crisântemo.

A produção de flores e plantas não requer muito espaço, mas o investimento é relativamente alto. Do pote às mudas, passando pelas sementes, todos os insumos são adquiridos de terceiros. Vários deles são dolarizados.

De qualquer maneira, desde que o produtor saiba onde está pisando, as vantagens superam largamente os problemas. Tanto que já tem produtor pensando em exportar flores. "É com esse olho no futuro que as flores vão se tornar a base de uma nova sustentação econômica no setor rural", acredita Débora. Para isso, lembra ela, o DF tem aeroporto e ótima estrutura viária para escoar a produção.

Confirmada a previsão, o DF conquistará alguns pontos na luta para gerar novos postos de trabalho. A floricultura cria

em média dez empregos por hectare, porque grande parte da tarefa não pode ser mecanizada. A colheita, por exemplo, é feita apenas manualmente.

FAMA INTERNACIONAL

Enquanto somam perto de 60 os floricultores do Distrito Federal, cerca de 150 produtores se dedicam hoje à apicultura. Quase todos eles mantêm uma produção pequena, artesanal. Muitos foram atraídos pela possibilidade de conjugar a produção de mel com outras culturas, obtendo assim uma renda adicional.

A apicultura, porém, não vive só do mel. Os derivados também encontram mercado. A cera, o própolis, a geléia real e até o veneno extraído da abelha têm compradores certos para fins diversos, seja no campo da alimentação, seja na área de medicina. A cultura também desperta crescente interesse no exterior, onde é excelente a fama do mel brasileiro. Sua boa cotação se deve ao fato de os

produtores nacionais não usarem agrotóxicos nas plantas nem métodos artificiais para o tratamento das colméias.

Reputação é o que não falta ao mel produzido no Distrito Federal, que é considerado um dos melhores do país. Quem responde por sua alta qualidade são produtores como Nelson Ângelo Tiemann. A convivência com as abelhas é tradição de família. Família, aliás, que trabalha unida e produz 500 quilos de mel por ano.

Hoje com 77 anos, Nelson começou no ofício aos sete anos de idade. Iniciou o aprendizado com o avô, também apicultor, ainda quando morava em Cerro Azul (PR). Candango pioneiro e um dos fundadores de Sobradinho, esse duplê de produtor rural e funcionário público aposentado é, acima de tudo, um pesquisador incessante.

A apicultura não é seu único objeto de estudos. Durante muito tempo, Nelson produziu ervas medicinais. As lembranças dessa fase se encontram acondicionadas em vidros cuidadosamente guardados em sua propriedade. Dentro deles, 700 espécies diferentes de ervas desidratadas. Embora não produza mais ervas, ele não conseguiu se livrar da antiga paixão. Agora mesmo, está programando uma viagem ao Xingu para aumentar ainda mais os seus já vastos conhecimentos no assunto.

Quanto à apicultura, Nelson defende apenas a desburocratização dos procedimentos para o controle sanitário da atividade, tema regulamentado por legislação federal. "A burocracia é tanta", opina ele, "que alguns pequenos produtores desistem de registrar a sua produção nos órgãos de saúde e acabam produzindo mel ou por prazer, para consumo apenas doméstico, ou caem na clandestinidade."

A Secretaria de Agricultura reconhece que é preciso fortalecer a produção regional. A idéia é estimular a cultura local para que ela possa atender pelo menos a 50% do consumo do DF. Para tanto, estão sendo oferecidos incentivos como a redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para a comercialização, arrendamento de terras públicas destinadas à apicultura, além de linhas de crédito especiais.

Aos interessados na atividade, o técnico da Emater-DF João Pires Filho avisa que não é necessário gastar muito para se tornar apicultor. Uma caixa de abelhas com a colméia custa em torno de R\$ 180. As roupas especiais, fundamentais para essa cultura (a picada de abelha pode ser fatal), giram em torno de R\$ 1 mil.